AGONIA

Paulo suspeitou ao ver anunciada no *face* de Rosana, sua coleção de selos de cartas não enviadas. Confirmou, ao ver expostas *in box*, as moedas economizadas. Suas coleções e a união, instáveis, em tubos de UTI, em agonizante madrugada.

DESCARTE

Foi como raio. Entre as notícias e a novela, o plano materializa-se na cabeça de Genilde. Mira ao lado seu alvo: o traste do Avelino roncando no sofá.

Perdeu a noção do que faz aí há mais de 20 anos. O tempo, só agora, escancara a diferença de idades e de tudo. A parentada reprovou. Ela balzaquiana, e ele um vivido de 50, herdeiro de ferragem e propriedades no bairro onde vegetam desde então.

Manhã seguinte, peito aberto, inicia peregrinação em ônibus e hospitais. Aprendeu, não é do grupo de risco, saudável, roliça, com as cores da vida saltando-lhe das coxas e dos lábios. Ele, cheio de morbidades, três molinhas, diabete e pressão descompassados, prato cheio *pro* chinesinho rosado.

A febrinha vem, a dor começa a lhe corroer a alma, a tosse rouba o ar, mas valerá a pena, vai replicar o danado.

Como determinado, velório rápido, parentes mascarados em parelhas de quatro. Avelino, convalescente, espreita por cima do caixão lacrado de Genilde. Lhe trai leve sorriso. Luisa, a vizinha, balzaquiana roliça, adentra na capela.

Marcos Antonio Bastiani